

O SILVA

RUBEM BRAGA

Depois de tanta conversa e tanta lerdeza, vai afinal o Rio de Janeiro ter o seu Museu de Arte Moderna. Ele foi inaugurado com uma exposição de pintura européia contemporânea. Sua sede provisória é no 11.º andar do belo edifício do Banco Boa Vista, na avenida ainda chamada de presidente Vargas, perto da Candelaria. Além de quadros da coleção do Museu serão expostos os de coleções particulares. Poderá assim o público ver algumas belezas que andam escondidas, para o prazer de poucos, nas casas de Josias Leão, Raimundo de Castro Maia, Paulo Bittencourt, Raul Bopp, Roberto Marinho, Landulfo Borges da Fonseca e um R. A. Lacroze, que não sei quem é, mas sei que tem coisas belíssimas.

Nossos jovens pintores poderão agora ver, sem o equívoco das reproduções, alguns trabalhos dos grandes de nosso tempo, a começar pela trinca Picasso-Braque-Matisse. E o Museu promete ser um centro vivo de estudos e agitação e não apenas um repositório de quadros. Promete promover conferências, exposições, sessões de cinema, cursos, organizar discoteca, biblioteca, filмотeca. E' sob o signo da Escola de Paris que ele se abre; como no tempo de d. João VI, devemos ainda olhar para a França quando falamos em arte. Mas o novo Museu não é burocrático, é uma sociedade civil. E talvez o rumo de alguns raros já sirva para mostrar aos nossos pintores moços que não é aceitando servilmente a influencia dos grandes de França que eles farão boa pintura. E' seguindo seu exemplo, quero dizer, é trabalhando longamente como artesãos e recriando o seu proprio mundo livremente como artistas. Não fazer o que eles fizeram, fazer como os melhores deles fizeram...

E quero anunciar para os leitores do Rio uma exposição — deve ser em abril, no Ministério da Educação — de quadros de José Antonio da Silva: E' um homem de uns 37 anos cujo ultimo emprego (até começos do ano passado) foi o de porteiro da noite em um hotel, ganhando 235 cruzeiros, dos quais gastava 150 no aluguel de uma casinha em que mora com a mulher e cinco filhos. Isso em Rio Preto, interior de São Paulo. Silva veio da roça; filho de um carreiro, foi, em menino, "candieiro", e não teve mais de seis meses de escola. Na roça viveu até homem, e quando teve meninos é que se mudou para a cidade por causa da escola.

Em 1946 soube que ia haver uma exposição na Casa de Cultura de Rio Preto e levou três quadros. Sua sorte é que a A. B. D. E., de São Paulo, mandara lá, convidados para membros do júri, o poeta Paulo Mendes de Almeida e o crítico Lourival Gomes Machado. No meio de uns 500 quadros, eles descobriram o Silva e quiseram dar-lhe o primeiro premio. O pessoal achou que eles estavam "debochando" dos outros; arrumou-se, afinal, um terceiro premio para o Silva, mas a "onda" contra ele foi tão forte que pouco tempo depois uns rapazes locais, patriotas municipais que achavam que a exaltação do Silva tinha sido feita para diminuir Rio Preto, obrigaram um comerciante a retirar da vitrina dois quadros que o porteiro do hotel estava expondo ali...

Mas houve um fazendeiro que acreditou no Silva, e graças ao interesse da A. B. D. E. o prefeito lhe acabou dando passagem de ida e volta a São Paulo, onde ele expôs uns quarenta quadros na Galeria Domus... e vendeu todos.

Declarações suas posteriores: "Volto para meu cantinho... pintarei muito devagar e com muita atenção... pintarei sempre o que eu gostar e achar que para mim esteja certo... porque eu pinto para me agradar e me curar de magoas passadas... eu pinto por distraimento e por umas recordações do meu tempo de criança... não tenho vaidade pelo dinheiro porque já estou acostumado a viver sem ele".

Por causa da viagem, Silva perdeu o emprego no hotel, mas ganhou uns 20 contos. Não desenha antes; não conhece perspectiva, mas tem um grande senso de cor e um extraordinario senso de composição. Pinta motivos rurais, mas não vale apenas pelo pitoresco ou documentario e sim, e muito, pela sua instintiva sabença plastica. Nossos jovens pintores têm muita coisa a aprender com os mestres franceses e italianos; também têm muita coisa a aprender com o exemplo e a doutrina de Silva, essa do distraimento, essa das magoas passadas, essa do gosto proprio, essa de trabalhar devagar e com muita atenção — essa lição de seus quadros, recomposição plastica de um mundo de formas, cores e emoções não inventadas, mas sentidas e vividas.

20.1.49

"Tres primitivos" 1953 MEC

v. "O verão e as mulheres" 1985

e/ou "A cidade e a Roça" 1956